

I

Dirijo estas linhas — escritas na Índia — aos meus familiares em Londres.

O meu objectivo é explicar o motivo que me induziu a recusar estender a mão da amizade ao meu primo John Herncastle. A reserva que até aqui mantive em relação a este assunto foi mal interpretada por membros da minha família cuja boa opinião sobre mim não posso consentir que se altere. Peço-lhes que suspendam a sua decisão até terem lido a minha narrativa. E declaro, sob minha palavra de honra, que o que estou prestes a escrever é, estrita e literalmente, a verdade.

A divergência entre o meu primo e eu teve origem num grande acontecimento público em que ambos estivemos envolvidos — a conquista de Seringapatam pelo general Baird, no dia 4 de Maio de 1799.

Para que essas circunstâncias possam ser claramente compreendidas, devo retroceder, por um momento, ao período anterior ao assalto e às histórias que corriam no nosso acampamento sobre o tesouro em jóias e ouro guardado no Palácio de Seringapatam.

II

Uma das histórias mais fantásticas relacionava-se com um diamante amarelo, uma gema famosa nos anais nativos da Índia.

As mais antigas tradições conhecidas descrevem a pedra como tendo sido incrustada na testa do deus indiano das quatro mãos que representa a Lua. Em parte devido à sua cor peculiar, em parte por causa da superstição que lhe atribuía a propriedade de sentir a influência da divindade que adornava, ou ainda devido ao facto de que o seu brilho aumentava ou diminuía consoante a lua se encontrava em quarto crescente ou em quarto minguante, deram-lhe o nome pelo qual continua a ser co-

nhecida na Índia até hoje — a PEDRA DA LUA. Uma superstição semelhante existiu, segundo ouvi, na Grécia e na Roma Antigas; ainda que não se aplicasse (como na Índia) a um diamante dedicado ao culto de um deus, mas a uma gema semitransparente de qualidade inferior que supostamente era afectada pelas influências da Lua, foi também esta que lhe deu o nome pelo qual é conhecida dos coleccionadores do nosso tempo.

As aventuras do diamante amarelo começaram no século XI da Era Cristã.

Nesse tempo, o conquistador maometano, Mahamoud de Ghizni, atravessou a Índia, apoderou-se da cidade sagrada de Somnauth e saqueou os tesouros do famoso templo que durante séculos fora destino sagrado das peregrinações hindus e a maravilha do mundo oriental.

De todas as divindades adoradas no templo, apenas o deus da Lua escapou à pilhagem dos conquistadores maometanos. Protegida por três brâmanes, a divindade inviolada, ostentando na testa o diamante amarelo, foi retirada durante a noite e transportada para a segunda cidade sagrada da Índia — a cidade de Benares.

Ali, num novo santuário, com o pavimento incrustado de pedras preciosas sob um tecto suportado por pilares de ouro, o deus da Lua foi colocado e adorado. Ali, na noite em que a construção do santuário foi concluída, Vixnu o *Protector* apareceu aos três brâmanes num sonho.

A divindade bafejou com o seu sopro divino o diamante que ornava a fronte do deus e os brâmanes caíram de joelhos e esconderam os rostos com as suas túnicas. Vixnu ordenou que a Pedra da Lua fosse vigiada a partir de então por três sacerdotes que deveriam revezar-se noite e dia, até ao fim dos tempos. E os brâmanes ouviram e curvaram-se perante a sua vontade suprema. O deus predisse uma desgraça ao presunçoso mortal que se apoderasse da gema sagrada e a todos da sua casa e com o seu nome que a herdassem. E os brâmanes fizeram escrever a profecia em letras de ouro sobre os portões do santuário.

Passaram-se os séculos e, geração após geração, os sucessores dos três brâmanes vigiaram a sua inestimável Pedra da Lua noite e dia. Os séculos passaram até que os primeiros anos do século XVIII da Era Cristã viram o reino de Aurungzebe, imperador dos Mongóis. Sob o seu comando, a destruição e a pilhagem grassaram de novo sobre os templos em que se adorava Brama. O santuário do deus das quatro mãos foi profanado pelo sacrifício de animais sagrados, as imagens das divindades foram quebradas em pedaços e a Pedra da Lua foi roubada por um oficial superior do exército de Aurungzebe.

Impotentes para recuperarem pela força o seu tesouro perdido, os três sacerdotes guardiões seguiram-no e vigiaram-no disfarçados. As gerações sucederam-se, o guerreiro que tinha cometido o sacrilégio morreu de maneira miserável; a Pedra da Lua passou, levando consigo a sua maldição, das mãos de um maometano infiel para as de outro; e assim, através das contingências e das vicissitudes, os sucessores dos três sacerdotes brâmanes mantiveram a vigilância esperando pelo dia em que a vontade de Vixnu o *Protector* lhes restituísse a sua gema sagrada. Nos finais do século XVIII da Era Cristã, o diamante caiu na posse de Tippoo, sultão de Seringapatam, que o colocou como ornamento na bainha de uma adaga e a mandou guardar entre os tesouros de eleição da sua armaria. Mesmo então, no próprio palácio do sultão, os três sacerdotes mantiveram a sua vigilância secreta. Havia na guarda de Tippoo três oficiais estrangeiros que ganharam a confiança do seu chefe ao converterem-se, ou fingindo que se converteram, à fé muçulmana e dizia-se que esses três homens eram os três sacerdotes disfarçados.

III

Era assim que a fantástica história da Pedra da Lua circulava no nosso acampamento. Não provocou nenhuma impressão especial em nenhum de nós com exceção do meu primo cujo interesse pelo maravilhoso o levou a acreditar nela. Na noite anterior ao assalto a Seringapatam, ele estava absurdamente zangado comigo e com outros por considerarmos tudo aquilo uma fábula. Seguiu-se uma acesa discussão e o infeliz temperamento dos Herncastles levou a melhor sobre ele. Declarou, cheio de bazófia, que ainda havíamos de o ver com o diamante no dedo se o exército inglês conquistasse Seringapatam. A afirmação foi recebida com um coro de gargalhadas e desse modo, como todos pensámos nessa noite, a coisa ficou por ali.

Deixe-me agora levá-lo à noite do assalto.

O meu primo e eu fomos separados no início da acção e nunca mais o vi depois de termos passado o rio a vau, nem quando cravámos a bandeira inglesa no primeiro buraco ou quando transpusemos o fosso, ou quando lutámos por cada palmo de terra até chegarmos à cidade. Foi só ao crepúsculo, quando o lugar já era nosso, e depois de o general Baird em pessoa ter encontrado o corpo de Tippoo debaixo de um monte de cadáveres, que eu e Herncastle nos reencontrámos. Fazíamos ambos parte de um destacamento enviado por ordem do general a fim de evitar o sa-

que e a confusão que se seguiram à nossa conquista. Os nossos soldados cometeram excessos deploráveis e, pior ainda, encontraram, através de uma porta sem guarda, o caminho para o arsenal do palácio de onde voltaram carregados de ouro e jóias. Foi no pátio exterior que ficava em frente da sala do tesouro que eu e o meu primo nos encontramos a fim de impormos as regras da disciplina aos nossos soldados. O temperamento violento de Herncastle tinha sido, como pude perfeitamente verificar, levado a uma espécie de frenesi em consequência da terrível carnificina pela qual tínhamos passado. Na minha opinião ele não estava nada talhado para desempenhar o cargo que lhe tinha sido confiado.

Havia muito motim e confusão de sobra na sala do tesouro mas, que eu tenha visto, não havia violência. Os homens (se é que posso usar esta expressão) desonravam-se alegremente. Trocavam toda a espécie de ditos grosseiros e de estribilhos e a história do diamante reapareceu repentinamente sob a forma de uma piada maliciosa. «Quem apanhou a Pedra da Lua?» era o grito de incitamento que fazia continuar a pilhagem de cada vez que ela acabava num sítio e começava noutra. Enquanto eu tentava em vão estabelecer a ordem, ouvi uma gritaria horrível no outro lado do pátio e de imediato corri para lá com medo de aí descobrir uma nova eclosão de pilhagem.

Deparou-se-me uma porta aberta e vi os corpos de dois indianos (pelas suas fardas penso que deveriam ser oficiais do palácio) jazendo, mortos, em frente à entrada.

Ouvindo um grito vindo do interior, precipitei-me numa sala que parecia ser um depósito de armas. Um terceiro indiano, mortalmente ferido, jazia aos pés de um homem que estava voltado de costas para mim. Ele virou-se quando eu entrei e vi que era John Herncastle, com uma tocha na mão, e uma adaga ensanguentada na outra. Uma pedra, colocada na extremidade do punho da arma, brilhou à luz da tocha como uma labareda, quando ele se voltou para mim. O indiano moribundo ajoelhado, apontou para a adaga na mão de Herncastle e disse na sua língua materna:

— A Pedra da Lua vingar-se-á de si e dos seus!

Disse estas palavras e caiu morto no chão.

Antes que eu tivesse podido compreender o que se passava, os homens que me tinham seguido através do pátio invadiram a sala. O meu primo precipitou-se para eles como um louco.

— Sai da sala! — gritou-me —, e monta uma guarda à porta!

Os homens recuaram ao vê-lo atirar-se contra eles com a tocha e a adaga. Pus duas sentinelas da minha companhia, nas quais sabia poder

confiar, a guardar a porta. Durante o resto da noite, nunca mais vi o meu primo.

De manhã cedo, o saque ainda continuava e o general Baird anunciou publicamente, por meio de um rufar de tambor, que qualquer ladrão apanhado em flagrante, fosse qual fosse o seu posto, seria enforcado. O capitão estava a postos para provar que o general falava a sério e no meio da multidão que ouvia a proclamação Herncastle e eu encontrámo-nos outra vez.

Estendeu-me a mão, como de costume, e disse:

— Bom-dia.

Esperei um pouco antes de lhe estender também a minha.

— Diz-me primeiro — disse eu —, como é que morreu o indiano na armaria e o que significavam as últimas palavras que proferiu apontando para a adaga que tinhas na mão.

— Suponho que o indiano morreu por ter sido ferido mortalmente — disse Herncastle. — Quanto ao significado das suas últimas palavras, sei tanto como tu.

Olhei para ele com muita atenção. O frenesi que o dominara na véspera tinha-se desvanecido. Decidi dar-lhe outra oportunidade.

— É tudo quanto tens a dizer-me? — perguntei.

Ele respondeu:

— É tudo.

Virei-lhe costas e nunca mais nos falámos desde então.

IV

Peço que compreendam que o que escrevi acerca do meu primo (a menos que se torne necessário um dia publicá-lo) se destina, apenas, a informar a família. Herncastle nada me disse que justificasse que eu comunicasse o assunto ao comandante. Ele foi escarnecido mais do que uma vez por causa do diamante pelos que se recordavam do seu ataque de cólera antes do assalto. Mas, como se pode facilmente imaginar, a sua própria recordação das circunstâncias em que o surpreendi na armaria foram suficientes para o silenciar. Diz-se que ele pretende ser transferido para outro regimento, com o propósito, que confessou, de se distanciar de mim.

Que isto seja ou não verdade, não consigo decidir-me a acusá-lo e penso que por uma boa razão. Se eu tornar o assunto público, só tenho provas morais para apresentar. Não me faltam só provas de que ele ma-